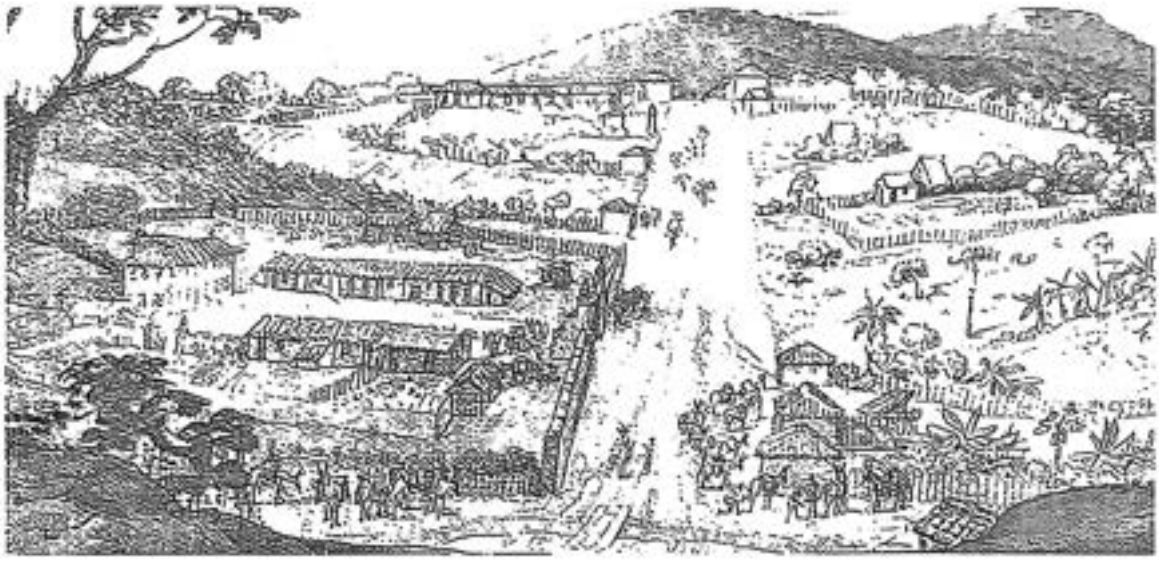
MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, nº 48 - 2º andar
museufreigalvao@yahoo.com.br

2007 n º 275

GUARATINGUETÁ NA AQUARELA DE DEBRET - 1827



A imagem de Guaratinguetá pintada por Debret, em 1827, sempre foi objeto de especulação, mas, a partir da observação visual e de documentos da época, é possível afirmar que o artista retratou parte da atual Rua Visconde de Guaratinguetá, ou seja, o trecho que vai desde a ponte do ribeirão dos Motas até os fundos da Catedral de Santo Antônio.

Saint-Hilaire (1822) ao descrever a localização de Guaratinguetá, confirma, em parte, a afirmativa:

"Ao entrar na cidade, quando se vem do Rio de Janeiro, transpõe-se numa ponte de madeira um riacho, chamado de São Gonçalo. ***Do lado oposto,*** *atravessa-se outro ribeirão, o Ribeirão dos Mortos [Motas] e assim a parte mais considerável da cidade fica entre esses dois rios"* (p. 88)

e acrescenta, estar a vila situada numa colina de pequena altura, dominada por outras e muito mais comprida do que larga, exatamente como na imagem, onde aparecem um riacho, uma ponte e uma colina com a aparência de um pequeno núcleo urbano.

O relevo também confirma: as colinas existentes nas proximidades do antigo posto de gasolina do Rui, atrás do Colégio do Carmo, do lado direito da Rodovia Presidente Dutra, sentido São Paulo-Rio de Janeiro, são idênticas as retratadas no fundo, à direita da imagem,

perfeitamente visíveis da parte mais alta da Rua Siqueira Campos. A inclinação do terreno, do lado direito do desenho, de frente para a casa assobradada, é semelhante a da atual rua Flamínio Lessa.

Além disso, o pequeno aglomerado de casas, no alto da colina, se encaixa perfeitamente nas descrições encontradas nos inventários do primeiro quartel do século XIX, nas imediações da atual rua Coronel Virgilio.

A casa branca, no alto da ladeira, à nossa esquerda, é a venda do Capitão-mor Antônio Galvão de França, anotada em 1817 por Julien Palliere, no mapa da cidade.

Presume-se, portanto, que o artista estivesse posicionado próximo ao prédio da Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves, e que tenha terminado a obra posteriormente, em face da sua imperfeição, largueza e profundidade, exatamente como o desenho de Taubaté,que Martins Alves definiu como *"sensação rememorada do confinamento"* (p. 10).

O inventário do Alferes José Monteiro Silva (1827) é outra prova cabal, uma perfeita consonância entre texto documental e imagem primitiva. A chácara, as casas e os ranchos da ponte do Galvão e do bairro da Figueira são descritos como na aquarela:

" [...] Uma morada de casas de sobrado, grandes, de quatro frentes, com área no meio, sacadas para a frente da rua, com os altos já pintados, acabados de forrar, com todas as ..... que já estão prontos ..... a saber: óleo, tinta, vidros para as janelas, papel para forrar paredes com sua cozinha também de sobrado mista as mesmas casas e um rancho de passageiros pegados a elas na frente com todas as plantações e fundos que existem murado de taipa e cercados de valo da parte do ribeirão, tudo visto e avaliado na quantia de três contos e quatrocentos mil réis [...]".

É a casa grande de sobrado, do lado esquerdo da imagem. E a casa menor, do mesmo lado, anexa ao rancho de passageiros (onde se vêem animais de tropas), dentro do terreno da chácara, construídas entre 1822 e 1827, portanto, depois da passagem de Saint-Hilaire. Os puxados e anexos eram construções típicas do período colonial, assim como o terreno murado de taipa e o portão em duas colunas altas, como representando uma fortaleza ou um feudo. A casa é centralizada e o terreno frontal era usado para tropas e realização de negócios.

"[...] uma morada de casas citas na ponte denominada do Galvão, do lado direito, de dois lanços, paredes de mão, cobertas de telha, com seus competentes fundos, que divide com a chácara grande por um chanfrado, vistos e avaliados na quantia de cento e oitenta mil réis [...]".

É a casa menor, também inserida no terreno do sobrado, na parte inferior esquerda de quem olha, com portão, muro de taipa e cerca divisória, ao lado da casa do rancho de passageiros.

"[...] uma chácara defronte da residência do falecido inventariado no lugar denominado Figueira, constante de uma morada de casas de dois lanços, paredes de mão, cobertas de telha [...]".

É a casa pequena, do lado direito da imagem, de frente para a casa grande, com um terreno baldio abaixo.

"[...] duas pequenas moradas de casas de paredes mão, cobertas de telha e um rancho de passageiros e um terreno misto todo murado de taipa com dezesseis braças de testada com todos os fundos ... que servem de pasto fechado, no lugar denominado Figueira [...]". São as duas casas, na parte inferior, do lado direito, onde aparecem homens e animais de tropa.

A economia na época de Debret

O inventário do Alferes José Monteiro da Silva ainda mostra e confirma o que a aquarela de Debret apenas sugere: a importância do estudo da economia e do modo de vida através dos bens domésticos e profissionais, num período marcado por mudanças, sob o signo da diversificação das atividades ligadas ao comércio praticado pelo homem livre e *"aventureiro"* na busca de novas oportunidades (transporte de gêneros alimentícios, vestuário, objetos domésticos em lombo de burros, exportação, importação e abastecimento das zonas urbanas e rurais da vila).

No período, a economia da vila de Guaratinguetá estava baseada na agricultura do açúcar e do café, na produção de mantimentos, na criação de animais, no comércio de beira de estrada, nas lojas de fazenda seca e no comércio de tropas para transporte de mercadorias, e o Alferes José Monteiro Silva, natural da vila de Cunha, filho de Antônio Monteiro Silva e Eugênia Francisca de Gouvêa, destacou-se nas duas últimas atividades.

Nascido em 28/04/1762 e falecido, em 28/02/1827, em Guaratinguetá, estabeleceu-se nessa vila por volta de 1822, onde trabalhou com tropas para transporte do café e com loja de fazenda seca, em sociedade com o Alferes Francisco José da Costa Vitoriano (filho de Dona Ignês Teodora, construtora da igreja de Santa Rita), sendo qualificado, em 1825, no recenseamento da vila, como *"comerciante a grosso"*. Foi casado duas vezes, a primeira com Francisca Isabel da Conceição, e a segunda com Ana Angélica de Jesus (família Rabelo Leite).

Entre os bens encontra-se uma tropa de aluguel, em viagem para o Rio de Janeiro, material completo de ferraria e carpintaria, serviço de tropas, e propriedades rurais na vila (Morro Vermelho) dedicadas ao plantio da cana e a fabricação de aguardente, 39 escravos, um sítio no Jacuí-Mirim, na vila de Cunha, para a criação de gado e outros animais (em sociedade com o filho, José Vieira dos Santos), serraria e ferraria na chácara (associado ao genro, Vitoriano Manuel de Andrade), assim como uma rede de crédito considerável (17:751$605 nas mãos de 44 indvíduos), representando quase 50% da sua fortuna pessoal, avaliada em 39:582$792, e uma sociedade comercial com outro genro, Antônio Tertuliano dos Santos (talvez o pai do Barão de Silveiras), com sede na capital do Império, na Rua do Rosário, que deve ter facilitado, em muito, a diversificação, negociação e comercialização dos produtos na vila e em toda a região, e que estão arrolados pormenorizadamente no inventário. Era, portanto, homem de considerável posse, mostrando-se como um dos principais comerciantes da vila de Guaratinguetá, senão um dos únicos, a praticar o comércio fixo e volante, que ao gerir seus negócios, de volta para a região, criou uma interessante rede de relacionamentos sociais e creditícios, conciliando a atividade mercantil com o de usurário, possivelmente financiando comerciantes de pequeno porte, emprestando-lhes dinheiro a juros ou fornecendo-lhes mercadorias de sua loja (atacado e varejo), principalmente artigos de vestuário e objetos de mesa, criando, assim, uma rede que abarcava empregados, familiares, agregados e compadres, que redistribuíam os seus produtos nas áreas rurais da vila e na região.

Com 59 anos, ao falecer, além de ter diversificado as atividades através de maior acumulo e rentabilidade nos negócios ligados ao abastecimento, conquistou, também, destaque sócio-econômico

como senhor de escravos e proprietário de terras, obtidos por meio da utilização de mecanismos diferenciados de ascensão econômica e social acessível a poucos, entre eles, o casamento com dote, em família de posse, ligada ao comércio com Parati e possuidora de grandes extensões de terra na vila de Cunha, e o aprendizado, durante alguns anos, no comércio da cidade do Rio de Janeiro, trabalhando certamente em casas comerciais de destaque, o que lhe valeu experiência e acumulo financeiro, principalmente com o futuro genro, Antônio Tertuliano dos Santos, que possuía extensa rede de comércio espalhada por toda a Província de São Paulo (escravista que vendeu 192 escravos entre 1828 e 1830)

Entre os bens móveis foram arrolados peças de vestuário, adornos em ouro e prata, e objetos de cozinha, como colheres, garfos, facas de prata, e ainda, alfaias, imagens e objetos para realização de atos religiosos, que denotam a elegância inglesa e francesa (nos hábitos em geral) existente no interior da chácara, como resultado do prestigio e status social e da intensa ligação com a praça carioca, embora ainda houvesse, e muito, a rusticidade presenciada por alguns viajantes estrangeiros

No seu testamento, escrito e assinado por Vitoriano Manuel de Andrade, mostrou preocupação com os negócios e com o destino da alma, deixando, também, recomendações sobre o pagamento da legitima materna dos filhos do 1° casamento, a distribuição de donativos para a família, assim como, dinheiro para as obras da matriz e da igreja de Nossa Senhora do Rosário Até mesmo com relação ao segundo casamento, declarou estar em dia com as clausulas do contrato nupcial feito por escritura pública É a identificação com a elite proprietária.

Todos os bens foram partilhados entre os filhos: Alferes José Vieira dos Santos (casado em 1819, em Cunha, com Maria do Carmo, f° do Alferes Antônio Ferraz de Oliveira e de Rita Maria dos Santos); Alferes José Thomaz Monteiro Silva (casado em 1830, em Cunha, com Maria José do Carmo, f° do Alferes Antônio Ferraz de Oliveira e de Rita Maria dos Santos); Mariana Francisca das Chagas (casada com Antônio Tertuliano dos Santos); Antônio Justino Monteiro Silva (casado em 1827, em Cunha, com Luiza Maria de Toledo, f° de Joaquim Gomes de Siqueira e de Zelinda Maria de Toledo); Maria Rita dos Santos (casada em 1813, em Cunha, com o Vitoriano Manuel de Andrade); Cândido Euzébio Monteiro Silva; Maria Estuarda

Joaquim Roberto Fagundes

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Maurício Martins Formas de viver: formação de laços parentais entre cativos de Taubaté, 1680-1848 Rio de Janeiro, 2001. 416 p Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social – IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. **Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material**. São Paulo, v. 12, p 129-160, jan./dez. 2004.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Homens de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentista**. São Paulo: Hucitec, 1999

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho **Homens livres na ordem escravocrata**. 3 ed., São Paulo: Ed. Kairós, 1983. 235p.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem a Província de São Paulo** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954. (Biblioteca Histórica Paulista, VI)

Arquivos

Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá - Inventários do 1° e 2° Ofícios, 1710-1960.